

Fluxos de informação no ciberespaço – conexões emergentes

Geane Carvalho Alzamora

Resumo: Este trabalho discute as especificidades espaço-temporais das interações sociocomunicacionais mediadas por dispositivos contemporâneos de comunicação. Parte-se da premissa de que os meios de comunicação concretizam espacialmente relações temporais tecnicamente mediadas, conforme a lógica comunicacional dominante. Assim, os dispositivos contemporâneos de comunicação conectam, em dinâmicas temporais variadas, os fluxos de informação que trafegam pelo ciberespaço. Pelo prisma da semiose peirceana, cujos princípios reguladores sugerem desdobramento contínuo e irreversível das lógicas comunicacionais, discute-se como a lógica reticular da hipermídia delinea conexões emergentes no ciberespaço. Longe de significar rupturas, a lógica reticular da hipermídia é aqui considerada um desdobramento semiótico que tensiona a perspectiva espaço-temporal da lógica midiática de comunicação.

Palavras-chave: ciberespaço; semiose; conexões; comunicação; informação

Abstract: *Information flows in cyberspace – emerging connection* – This work analyzes the spatial and temporal specificities of the socio-communicational interactions mediated by contemporary communication devices, starting from the premise that communication media spatially concretize technically mediated temporal relationships, according to the dominant communication logic. Therefore, through varied temporal dynamics, today's communication devices connect the information flows that run through cyberspace. From the standpoint of Peircean semiosis, whose regulating principles suggest the continuous and irreversible unfolding of communicational logic, we discuss how the netlike logic of hypermedia outlines emergent temporalities in cyberspace. Far from signifying a rupture, the netlike logic of hypermedia is seen here as a semiotic evolution which strains the spatial and temporal perspective of the mediatic logic of communication.

Keywords: cyberspace; semiosis; connections; communication; information

A informação no ciberespaço: deslocamentos espaço-temporais

Nas sociedades orais, as informações¹ eram consumidas na mesma esfera espaço-temporal em que eram produzidas, razão pela qual os anciãos eram considerados depositários vivos da memória social, pois, através deles, as informações poderiam ser consumidas em momentos posteriores à sua produção. Com o advento da escrita e, mais tarde, da cultura impressa, as informações passaram a ser armazenadas em dispositivos técnicos². Conseqüentemente, puderam ser consumidas em esferas espaço-temporais diversificadas. A partir de então, cada vez mais se distanciou produção e consumo da informação por intermédio dos dispositivos técnicos de produção, armazenamento e difusão das informações. A sofisticação crescente de tais dispositivos enfatiza a diversidade das esferas espaço-temporais a eles relacionada.

Se a cultura impressa significou ampliação da capacidade técnica de inscrição espacial de informações destinadas a serem consumidas em dinâmicas temporais diferenciadas, a cultura de massa redimensionou essa perspectiva, na medida em que diversificou os meios técnicos de inscrição espacial das informações, possibilitando, através de processos diferenciados de produção, armazenamento e difusão de informação, dilatação das possibilidades temporais de recepção. Tanto a informação poderia ser consumida simultaneamente em espaços diversificados no momento da produção, como nas tomadas ao vivo de rádio e televisão, quanto poderiam ser consumidas em espaços variados e em momentos posteriores diferenciados, como nas dinâmicas temporais marcadas pelas periodicidades de jornais e revistas.

De um modo geral, os meios de comunicação de massa caracterizam-se por difundirem, a partir de um centro irradiador da informação, uma mensagem comum a um conjunto tão mais amplo e heterogêneo quanto possível de receptores dispersos geograficamente. Essa perspectiva comunicacional funda-se na separação entre os meios de produção, armazenamento e difusão da informação, cabendo aos centros de emissão o poder de difundir a informação produzida e armazenada em perspectiva empresarial.

A lógica comunicacional de massa prioriza, portanto, a ação dos emissores sobre os receptores, sendo caracterizada pela idéia de transmissão.³ A ação dos receptores sobre

¹ Informação é um termo polissêmico, freqüentemente associado à aquisição de conhecimento. Neste trabalho, o termo é usado para designar os dados transmitidos e os sentidos partilhados nos processos comunicacionais. Esta noção se fundamenta na semiótica peirceana, segundo a qual informação, como aquisição de conhecimento, refere-se ao produto simbólico da denotação (extensão; determinação sígnica do objeto) e da conotação (profundidade; representação sígnica do interpretante). Sobre o assunto ver Alzamora, 2004.

² Assume-se aqui a hipótese de que os dispositivos técnicos de comunicação são delineados por lógicas comunicacionais específicas, que interferem na conformação espaço-temporal dos fluxos de informação que deles emergem (DELEUZE, 1990).

³ A lógica transmissiva delinea os meios de comunicação de massa, cujos aparatos técnicos não permitem a interlocução direta independente da mediação dos emissores, nem a alteração das informações em curso por parte do público receptor (ALZAMORA, 2006).

a informação transmitida pelos dispositivos técnicos de comunicação de massa é sempre indireta e marcada por dinâmicas temporais diferenciadas, através das quais as informações circulam socialmente e interferem, de forma diferida e difusa, no sistema de produção.⁴

A lógica hipermediática de comunicação, por outro lado, prioriza aspectos colaborativos da informação, salientando as múltiplas dimensões, presenteístas ou não, dos intercâmbios de informação no ciberespaço. O desenvolvimento da Internet 2.0⁵ enfatiza a vocação colaborativa da hipermídia, na medida em que pressupõe a geração de grandes bancos de dados atualizados por colaboração do armazenamento remoto de informações. São exemplos *De.licio.us*⁶ e *YouTube*⁷.

O desenvolvimento das redes sociotécnicas pressupõe, portanto, a disseminação de processos descentralizados de mediação sociotécnica e a sobreposição de camadas de informação no ciberespaço, relacionadas a dinâmicas temporais variadas e simultâneas. Essa situação remete às considerações de Lévy (1996) sobre o ambiente espaço-temporal do ciberespaço, no qual predominariam fluxos de informação derivados de uma espécie de descolamento do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio ou do calendário.

É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns ‘realistas’: ubiqüidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. [...] A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. (LÉVY, 1996, p. 21)

Do ponto de vista da informação veiculada, essa perspectiva espaço-temporal significa que a noção de transmissão deixa de ser preponderante, tal como ocorre nos meios de massa, para se tornar contingente e relativa. Assim, freqüentemente a noção de transmissão é substituída no ciberespaço pela idéia mais apropriada de associação, através da qual as informações são partilhadas sincronicamente em múltiplas interconexões. Para Latour, “é essa troca que nos define, e não o calendário ou o fluxo que os modernos haviam construído para nós” (1994, p. 74).

⁴ As chamadas teorias do jornalismo, como agenda *setting*, espiral do silêncio e *newsmaking*, salientam a perspectiva transmissiva dos meios de massa, através dos quais se observam dinâmicas temporais diferenciadas na recepção e circulação das informações. Mais recentemente, Braga (2006) chamou atenção para o que ele denominou sistema de resposta, segundo o qual a circulação é diferida e difusa após a recepção midiática.

⁵ Sobre o assunto ver, por exemplo, O’Reilly, 2006.

⁶ Ambiente virtual de armazenamento e compartilhamento social de informações. Disponível em <<http://del.icio.us>>. Acesso em 22/6/2007.

⁷ O iPhone da *Apple*, lançado em junho de 2007, permite recepção e reprodução de vídeos postados no *YouTube*. De olho nesse mercado, o portal de vídeos da *Google* começa a codificar seus vídeos em novo formato, adaptável a dispositivos móveis de comunicação. Sobre o assunto ver <<http://info.abril.com.br/aberto/info-news/062007/20062007-9.shl>>. Acesso em 22/6/2007.

Redes sociotécnicas contemporâneas: especificidades espaço-temporais

A noção de rede é comumente relacionada às formas de comunicação na contemporaneidade e à sociedade que se forma sob tais condições sociocomunicacionais, sendo a internet exemplo máximo dessa questão. De um modo geral, pode-se dizer que as redes são arquiteturas de informação interconectadas, ilimitadas, multidirecionais, interativas e voltadas à cooperação.⁸

Sendo potencialmente infinitas as conexões que conformam a rede, o que a caracteriza é o conjunto de nós que permeia uma dada informação. Assim, a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões. Para Kastrup (2004), a lógica das conexões pressupõe uma concepção de tempo distinta do tempo histórico da modernidade, pois, nas redes, as conexões ocorrem em um presente dilatado, sobreposto, fluido, fragmentado, através do qual espaço e tempo se entrelaçam pela duração virtualizada no ciberespaço.

A lógica das conexões, entretanto, não pode ser compreendida meramente como a hegemonia do tempo, uma vez que a noção de espaço também se reconfigura nesse ambiente. Foucault (1998) chama atenção para o fato de que a noção de espaço é historicamente determinada. Assim, explica, no Medievo imperava uma idéia hierárquica de lugares, que levava à noção de espaço como disposição. Essa noção foi substituída pela idéia de extensão no século 17, a partir da compreensão, fornecida por Galileu, de que o espaço era infinitamente aberto. O espaço contemporâneo, segundo Foucault, refere-se às relações de proximidade entre pontos e elementos tecnicamente definidos. Ou seja, trata-se da apropriação técnica do espaço, cuja delimitação é dada por uma rede de relações constantemente reconfigurável.

Hoje o sítio substitui a extensão que, por sua vez, tinha substituído a disposição. O sítio define-se por relações de proximidade entre certos pontos e elementos; poderemos descrever formalmente essas relações como séries ou grelhas. Além disso, a importância do sítio como uma problemática no trabalho técnico contemporâneo é sobejamente conhecida: o armazenamento de dados ou de resultados intermédios de um cálculo numa memória; a circulação de elementos distintos com um *output* aleatório [exemplos simples: o tráfico automobilístico ou os sons da linha de telefone]; a identificação de elementos assinalados e codificados que fazem parte de um todo, construído aleatoriamente ou segundo classificações, sejam elas simples ou múltiplas. [...] A nossa época é tal que os sítios se tornam, para nós, uma forma de relação entre vários sítios. (FOUCAULT, 1998)⁹

⁸ Primo (2003) identifica três tipos de hipertextos, que variam conforme as possibilidades de participação social na produção das informações em curso: a) potencial, quando caminhos e movimentos possíveis estão predefinidos; b) colaborativo, que constitui uma colagem de contribuições, sem discussões durante o processo criativo; e c) cooperativo, cuja produção de informações depende do debate.

⁹ Disponível em: <http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html>. Acesso em 26/5/2007.

A configuração contemporânea das conexões leva em conta a dimensão nômade dos intercâmbios de informações no ciberespaço, o que evidencia o conceito de não-lugar nesse contexto sociocomunicacional. Segundo Augé (1994), os lugares se definem como identitários, relacionais e históricos, sendo fundados na territorialidade. Já os não-lugares, transitórios e efêmeros, são exemplificados pelas cadeias de hotéis, aeroportos, rodoviárias, ferroviárias, redes de cabo e sem fio, entre outros espaços do “em trânsito”. Porém, no ciberespaço, não seria a ausência de vínculos territoriais que melhor caracterizaria os não-lugares, mas o redimensionamento espaço-temporal de tais vínculos, que se desterritorializam e se reterritorializam constantemente pela lógica das conexões.

Se a rede produz tantas representações e mitos, é porque ela é uma técnica maior de organização do espaço-tempo. É uma matriz espaço-temporal: de um lado, a rede técnica abre a restrição espacial sem a suprimir e superpõe um espaço sobre o território — ela desterritorializa e reterritorializa — e, de outro modo, ela cria um tempo curto pelo rápido transporte ou pelo intercâmbio de informações. A rede de comunicação adiciona ao espaço-tempo físico um espaço ampliado e um tempo reduzido. (MUSSO, 2004, p. 33)

O desenvolvimento da comunicação móvel, que remete à tentativa de localização constante em qualquer lugar e em qualquer momento, aumenta, paradoxalmente, a ligação com o território. Segundo Weissberg (2004), as noções de ubiqüidade e onipresença, freqüentemente relacionadas à comunicação móvel, levam à constituição de um híbrido território/rede comunicacional que designa o compartilhamento simultâneo de vários lugares. “É por assimilação da continuidade temporal do vínculo comunicacional a uma plurilocalização instantânea que se pode falar de ubiqüidade a propósito da comunicação móvel” (WEISSBERG, 2004, p. 121).

As redes sociotécnicas contemporâneas, portanto, desterritorializam e reterritorializam por intermédio dos intercâmbios ubíquos de informação. O desenvolvimento crescente da blogosfera¹⁰ exemplifica essa situação. O tempo compartilhado nos espaços virtuais dos blogs, cada vez mais acessíveis e atualizáveis por intermédio de dispositivos móveis de comunicação, obedece à lógica das conexões e às possibilidades de interação sociocomunicacional disponíveis em suas interfaces. Estas constituem espaços de fluxos¹¹ peculiares, capazes reconfigurar topologicamente a rede pelas interações sociocomunicacionais que através delas se processam. Recuero (2004) utiliza o termo *webrings* para denominar os círculos de blogueiros que lêem seus blogs mutuamente e interagem nesses blogs através

¹⁰ A definição do termo disponível na *Wikipédia* ilustra a perspectiva reticular aqui evidenciada: “Blogosfera é o termo coletivo que compreende todos os weblogs (ou blogs) como uma comunidade ou rede social. Muitos blogs estão densamente interconectados; blogueiros lêem os blogs uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita, e postam comentários nos blogs uns dos outros. Por causa disso, os blogs interconectados criaram sua própria cultura”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>>. Acesso em 14/1/2007.

¹¹ Sobre espaços de fluxos ver Castells (1999).

das ferramentas de comentários. As interfaces dos blogs, portanto, concretizam, em um “não-lugar”, as conexões temporais que conformam essas redes sociais por desterritorializações e reterritorializações sucessivas.¹²

Para Virilio (1993, p. 52), o amálgama do espaço e do tempo gera a interface, “uma transmutação das aparências sensíveis em que a superfície não é nada mais que um ‘efeito de superfície’ momentâneo, o traço, um ‘efeito de trajeto’ instantâneo, e o volume é somente uma perspectiva acelerada, ou seja: uma anamorfose”.

A interface é a dimensão visível das conexões que conformam o ciberespaço e das dinâmicas temporais que o permeiam. Por ser parte de múltiplas conexões, a interface não é dotada de superfície nem de contorno definidos. Assim, mantém-se sempre aberta e expansível através de seus nós. Com isso promove deslocamentos espaço-temporais que favorecem a emergência de diálogos virtuais improváveis fora da lógica reticular da hiper-mídia. São exemplos o blog da adolescente norte-americana Ava Lowery, contrário à política de Bush no Iraque, que recebe cerca de 30 mil visitas/dia¹³, e o blog do presidente do Irã, Mahmood Ahmadinejad¹⁴, acessível em quatro idiomas: árabe, persa, inglês e francês.

Os espaços relacionais de informação no ciberespaço, possíveis pela dinâmica semiótica das interfaces, conformam a emergência de formatos diversificados de informação. Segundo Machado (2006), os sistemas tecnológicos elaboram linguagens que se organizam em discursos genericamente denominados formatos, cujo *design* revela os discursos produzidos em ambientes mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação. Assim, ela afirma, não é o formato que produz discurso, mas a modelização semiótica de seu funcionamento. “Trata-se de um tipo de formação discursiva possível, não porque pressupõe a interação de interlocutores, mas sim porque algum dispositivo se encarrega de criar mediações sem as quais nenhuma enunciação se realiza” (MACHADO, 2006, p. 1). Os elementos semióticos que constituem os formatos só podem ser estudados por intermédio de suas interfaces, que os personalizam, atualizam, transformam.

Como as interfaces se irradiam através de múltiplas conexões no ciberespaço, os fluxos de informação que delas emergem formam teias de relações constantemente expansíveis, cuja duração depende das dinâmicas temporais interpostas nessas conexões. Assim, a significação de uma dada informação se expande vertiginosamente pela rede, alterando sua topologia à medida que gera mais e mais interesse social.

¹² A versão 4 do *Firefox*, com a capacidade de conexões entre redes sociais no ciberespaço ao disponibilizar os recursos/contatos de cada computador a todos na internet, ampliará os processos de desterritorializações e reterritorializações no ciberespaço. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/2007/06/27/ult4213u106.jhtm>>. Acesso em 22/6/2007.

¹³ Sobre o assunto ver <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21949.shtml>>. Acesso em 20/6/2007.

¹⁴ Em 16 de março de 2007, por exemplo, este blog apresentava a resposta que o presidente iraniano deu à mensagem de uma mãe norte-americana, cujo filho foi enviado para o Iraque. Ela se dizia insatisfeita com a política externa do presidente Bush e implorava para o Irã não atacar os Estados Unidos. Em resposta, o presidente do Irã dizia defender o respeito a todos os povos, inclusive os norte-americanos, e que torcia pela definição diplomática do conflito. Disponível em: <<http://www.ahmadinejad.ir/>>. Acesso em 12/6/2007.

É exemplo dessa situação o vídeo *A pastorinha*, que se tornou campeão de acesso no YouTube após a versão *funk*, remixada por Raphael Mendes, ser disponibilizada também no Orkut.¹⁵ Para Bastos (2004), a cultura da reciclagem é uma marca da sociedade que lida com o excesso e com a velocidade de informação. Nesse contexto, segundo ele, “o nomadismo é sua prática mais contundente” (p. 292).

Por serem cada vez mais acessíveis e atualizáveis por intermédio de dispositivos móveis de comunicação, os fluxos de informação que permeiam as conexões emergentes do ciberespaço se expandem pelas interfaces de celulares, *laptops*, *palmtops* e *MP3 players*, tornando a lógica reticular da comunicação dominante no cenário sociocomunicacional contemporâneo. A perspectiva espaço-temporal dessas conexões, ubíquas e onipresentes, refina a noção de rede intermídia¹⁶, que passa a levar em conta as conexões entre fluxos de informação interpessoais, massivos e colaborativos.

A semiose das lógicas comunicacionais: coexistências

Nos meios de comunicação de massa, os fluxos de informação são regulares e uniformes, marcados por dinâmicas temporais específicas. A periodicidade jornalística, por exemplo, interfere na dinâmica temporal da apreensão social dos acontecimentos, que são transmitidos na perspectiva da contiguidade espacial, ou seja, como representações indiciais determinadas pelos acontecimentos que lhes servem de referência. Essa perspectiva temporal funda-se em seqüências cronológicas socialmente demarcadas, em “conjuntos temporais coerentes, que contribuem para configurar o espaço, o tempo, o tempo próprio dos indivíduos, o tempo social” (VIRILIO, 1993, p. 82). Por causa disso, opera sob predomínio da determinação sígnica.¹⁷

A operação semiótica de determinação, que se baseia na idéia de transmissão, não acrescenta informações ao processo sígnico, pois apenas atesta, no signo, as informações provenientes do objeto. A determinação sígnica pressupõe contigüidade espacial entre signo e objeto, através da qual se produz interpretantes tão mais próximos quanto possível do objeto que o determinou. Essa concepção se relaciona à noção de objetividade jornalística.¹⁸

¹⁵ Sobre o assunto ver *Minipastora está em funk* e filme de Walter Salles. *Jornal Folha de S. Paulo*, caderno Ilustrada, p. 6, de 17/6/2007.

¹⁶ Santaella (1992) já chamava a atenção para o fato de que uma das características da cultura das mídias — cultura do descontínuo, que se funda na rede intermídia — é a mobilidade, através da qual uma informação passa de uma mídia a outra.

¹⁷ A semiose peirceana refere-se ao processo de desdobramento contínuo de um signo em outro. Nesse processo, os três correlatos sígnicos — signo, objeto e interpretante — articulam-se continuamente, produzindo comunicação e cognição. O signo, ou semiose, desdobra-se das seguintes operações semióticas: o objeto determina o signo, que por sua vez determina o interpretante. Este representa parcialmente o objeto que o determinou pela mediação do signo. As operações semióticas de determinação, representação e mediação são, portanto, complementares na semiose (ALZAMORA, 2004).

¹⁸ ALZAMORA (2004).

Porém, a produção de interpretantes, ou semiose, envolve a operação semiótica de representação, que introduz, pela ação sígnica proveniente do interpretante, novas informações à determinação oriunda do objeto. Nesse contexto sígnico, a informação surge da ação simbólica do interpretante, que estabelece associações sígnicas razoavelmente livres e instáveis, para além da determinação transmitida pelo objeto.

Mesmo no jornalismo tradicional, a associação livre de idéias aparece, sem a qual não haveria interpretação de fatos. Porém, a descentralização crescente das mediações sociotécnicas promove a disseminação dessa lógica comunicacional no ciberespaço, alterando, assim, as formas pelas quais os fluxos de informação são produzidos, compartilhados e socialmente apropriados. É o que se observa na versão *funk* do vídeo *A Pastorinha*, mencionada anteriormente.

A semiose organiza fluxos de informação por associação sígnica e, ao fazê-lo, promove deslocamentos espaço-temporais. Portanto, mesmo que se priorize a lógica transmissiva de massa, a semiose webjornalística interfere, em perspectiva intermediática, na produção e recepção de notícias na contemporaneidade.

Em um estudo sobre a semiose das interfaces jornalísticas, exemplificadas pelo *website* do diário argentino *El Clarin*, Scolari (2004) resalta as especificidades espaço-temporais do jornalismo digital, cujas interfaces interativas constituem espaço fragmentado que exige leitura multidirecional. Segundo ele, a hierarquização temporal das notícias na internet e sua permanente atualização produz uma inversão comunicativa em relação à referência impressa, na medida em que os jornais digitais, por se atualizarem continuamente, passam a servir de referência para as publicações impressas, cujas atualizações dependem de suas periodicidades.

Quando falamos da dimensão temporal não fazemos referência à redução dos 'clicks' necessários para se chegar a uma informação, mas a uma reestruturação da interface em função das novas informações que vão se somando e dos tempos do leitor. (SCOLARI, 2004, p. 144)¹⁹

A análise evidencia as especificidades espaço-temporais que diferenciam os jornais digitais de seus correlatos impressos. Entretanto, embora os jornais digitais propiciem maior autonomia do lugar lógico da recepção no acesso às informações e isso, de fato, redimensione as dinâmicas temporais interpostas pela periodicidade, os fluxos de informação que conformam os jornais digitais se orientam pela mesma perspectiva transmissiva dos jornais impressos.

Questão semelhante se observa na perspectiva de Fidalgo (2003).²⁰ O autor, um estudioso da semiótica peirceana, defende a produção de notícias em base de dados, o

¹⁹ *Quando hablamos de la dimensión temporal no hacemos referencia a la reducción de los 'clicks' necesarios para llegar a una información, sino a una reestructuración de la interfaz en función de las nuevas informaciones que van sumando y de los tiempos del lector (tradução livre).*

²⁰ Disponível em: <www.facom.ufba.br/pos/gtjornalismo>. Acesso em 14/1/2007.

que, segundo ele, tornaria o jornalismo digital mais flexível e adaptável aos critérios de consulta do leitor. Em base de dados, a informação se atualiza pela participação interativa dos internautas, podendo assumir matizes diferenciados na medida em que passado, presente e futuro tornam-se partes integrantes de uma informação cujos contornos são ilimitados.

A interlocução entre passado, presente e futuro por intermédio da informação é uma das peculiaridades da semiose peirceana, cujos princípios reguladores²¹ evidenciam a natureza temporal da semiose e a materialização circunstancial dos correlatos sógnicos em fluxos de informação. Entretanto, esses fluxos, embora fugazes, obedecem à lógica comunicacional segundo a qual foram produzidos e permanecem em forma de linguagens. A semiose, assim, permite que os fluxos de informações sejam fixados no tempo e espaço, em forma de linguagens. Segundo Henn (2005), a semiose se encarrega de expandir e transformar as linguagens, ao mesmo tempo em que articula recursos de relativa permanência e memória.

Desta perspectiva, pode-se situar a semiose como processo de geração de signos multidirecional e simultâneo que, dependendo do fundamento e do suporte em que o signo se constitui, corresponderá a um complexo sógnico com infinitas possibilidades de interpretantes que oscilam entre a conservação e a inovação. Trata-se de um fenômeno que se dá no fluxo do tempo, inclusive como probabilidade. Na medida em que ela avança, vai gerando memória, concentrando presente, passado e futuro. (HENN, 2005, p. 10)

As dimensões espaço-temporais dos fluxos de informação se reconfiguram na semiose hipermidiática, referindo-se simultaneamente a movimentos e permanências: a perenidade dos fluxos de informação, constantemente acessíveis pelos bancos de dados, não se contrapõe à sua fugacidade, derivada dos processos de atualização constante.

Na semiose peirceana, as dimensões de espaço e de tempo se configuram como instâncias lógicas, relacionadas à permanência fugaz dos correlatos sógnicos. Assim, as configurações espaço-temporais dos fluxos de informação no ciberespaço podem revelar predomínios de primeiridade (presenteísmo), secundidade (contigüidade física, referência ao passado) ou de terceiridade (caráter dinâmico dos movimentos, tendência ao futuro).

Alguns experimentos estéticos no ciberespaço, por exemplo, enfatizam a idéia de presenteísmo, estabelecendo conexões sógnicas cuja durabilidade remete à permanência fugaz dos correlatos sógnicos. Nesses casos, os fluxos de informação muitas vezes se desdobram nas experiências imersivas de telepresença, que acontecem no espaço-tempo

²¹ Queiroz (2004) identifica seis princípios reguladores da semiose, todos relacionados ao tempo: irredutibilidade da relação triádica, ação e processualidade, irreversibilidade, continuidade, convergência para o objeto dinâmico, tendência para o infinito.

compartilhado virtualmente.²² Tais fluxos de informação, desterritorializados e fugazes, podem existir apenas durante a interação imersiva, sendo a duração da experiência compartilhada sua configuração espaço-temporal. Essas experiências imersivas, portanto, desestabilizam nossas referências espaço-temporais e nos desafiam a encontrar modos cada vez mais criativos de lidarmos com fluxos de informação produzidos conforme a lógica reticular da hipermídia.

A lógica reticular da hipermídia, aqui relacionada à lógica associativa da comunicação²³, abriga e redimensiona a lógica transmissiva das mídias. Assim, não pode ser entendida como uma ruptura em relação à lógica transmissiva dos meios de massa, mas como um desdobramento semiótico desta lógica. Por causa disso, se caracteriza por ser uma lógica estratificada e plural, que tensiona a lógica midiática de comunicação.

É exemplo dessa questão o fechamento da rede de televisão venezuelana, RCTV, por decisão do presidente Hugo Chaves. Após ter perdido a concessão para transmitir em sinal aberto na Venezuela, em maio de 2007, a rede de televisão RCTV continuou a divulgar edições de seu noticiário *El Observador* na internet. Imediatamente, os vídeos se tornaram campeões de acesso no *YouTube*.²⁴ Ou seja, a internet, neste caso, não apenas abrigou e expandiu territorialmente os processos de comunicação de massa interrompidos por decisão política, como também tensionou essa decisão, ao redimensionar e reterritorializar a capacidade de acesso ao noticiário.

A semiose das lógicas comunicacionais, portanto, se expande pela lógica reticular das conexões hipermidiáticas ao mesmo tempo em que se concretiza em interfaces que revelam o hibridismo dos processos contemporâneos de comunicação. Os portais de informação, que combinam aspectos interpessoais, massivos e colaborativos de comunicação, exemplificam esse imbricamento de lógicas comunicacionais típico da hipermídia.

Fragmentados, sobrepostos, ubíquos e onipresentes, os fluxos de informação que emergem da semiose hipermidiática revelam a lógica comunicacional que os delineiam: uma lógica que favorece a expansão simultânea e intercambiável de fluxos transmissivos e associativos de informação no ciberespaço, compondo uma teia multiforme de informações acessíveis por intermédio das interfaces. Nem sempre, porém, isso significa “melhor comunicação”. Segundo Wolton (2005, p. 224), “quando tudo circula, permuta-se e se conecta, não é inútil lembrar que há sempre três situações: a partilha, a coabitação, a incomunicação”.²⁵

²² Games, como *Pac-Manhattan*, propiciam atividade física junto à interação social na rede, assim como as *CAVEs* (*Cave Automatic Virtual Environment*) lidam com a perspectiva estética da imersão interativa (ARAÚJO, 2005).

²³ A semiose, ou mediação sógnica, pressupõe associação de novos signos à determinação sógnica transmitida pelo objeto. Assim, a diversificação dos processos de mediação social amplia os processos de associação sógnica, constituindo uma lógica reticular de conexões sógnicas da qual emergem diversificados fluxos de informação.

²⁴ Sobre o assunto ver, por exemplo, <<http://la3.blogspot.com/2007/06/rctv-recorre-internet-para-driblar.html>>. Acesso em 12/6/2006.

²⁵ Para Wolton (2005) incomunicação refere-se ao último estágio da comunicação, no qual se privilegia as trocas e o respeito pelo outro em detrimento da transmissão de informações.

Fluxos contemporâneos de informação: devires

Se a semiose se desdobra continuamente, direcionado os fluxos de informação para lógicas comunicacionais, cada vez mais complexas, é de se esperar que tais lógicas se aprimorem continuamente, tornando os processos comunicacionais cada vez mais sofisticados e abrangentes. Por um lado, é isso que ocorre. É inegável que a lógica reticular das conexões hipermediáticas amplia as condições de agenciamentos sociocomunicacionais tecnicamente mediados, provocando deslocamentos espaço-temporais que favorecem a proliferação e a pluralidade de fluxos desterritorializados e reterritorializados de informação. Por outro lado, isso não torna necessariamente melhores os processos sociocomunicacionais.

Wolton (2005) chama a atenção para a confusão que recorrentemente se estabelece entre informação e comunicação, segundo a qual maior quantidade, diversidade e rapidez de fluxos de informação significariam melhor comunicação. Ele questiona a perspectiva transmissiva, que enaltece a dimensão unilateral dos fluxos de informação, e ressalta a necessidade de cooperação como condição para a comunicação, mesmo que isso signifique incomunicação.

Comunicação é sempre a relação entre um emissor, uma mensagem e um receptor. Comunicar não é só produzir e distribuir informação, é também ser sensível às condições nas quais o receptor a recebe, aceita-a, recusa-a, remodela-a, em função de suas escolhas filosóficas, políticas, culturais. A comunicação é a questão do receptor. [...] A comunicação começa quando se compreende que ela é diferente da informação e da transmissão. (WOLTON, 2005, p. 227)

Para o bem e para o mal, o certo é que a lógica reticular da hipermissão, como semiose da lógica midiática de comunicação, configure, de modo irreversível, os agenciamentos sociotécnicos contemporâneos. Exemplo marcante é o atentado ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001. O episódio, planejado para acontecer intermediaticamente, ao vivo e em escala mundial, teve sua duração ampliada pela repetição insistente das imagens do avião se chocando contra uma das torres diante do olhar perplexo do mundo inteiro.²⁶ Desse modo, a duração do episódio foi temporalmente dilatada e espacialmente fragmentada, constituindo uma espécie de interconexão suficientemente forte para alterar as relações sociopolítico-culturais em dimensão global.

Posteriormente, outros atentados, como o ataque aos trens de Madri, em 2004, e os diversos vídeos terroristas que circularam pela internet, evidenciaram a configuração em

²⁶ Nota-se que a internet foi sobrecarregada pelo acesso mundial simultâneo, em busca de informações sobre esse episódio.

rede da *Al Qaeda*, cujas conexões sugerem atuação em perspectiva mundial. Essa rede terrorista se expande mundialmente, em múltiplas conexões, por intermédio da internet.²⁷

No Brasil, em 2006, a facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) literalmente parou São Paulo, a maior metrópole do país, com uma série de ataques deflagrados da prisão, através de telefones celulares. Por estes dispositivos móveis de comunicação, os bandidos definiram uma estratégia de ataques simultâneos na capital e no interior do estado e, com os mesmos dispositivos, definiram a paralisação simultânea dos ataques. A significação desses acontecimentos foi ampliada exponencialmente pela repetição intermidiática das imagens dos ataques, assim como pela insegurança que se instalou virtualmente na sociedade, como um devir iminente conduzido pelos fluxos de informação.

Exemplos similares, porém mais prosaicos, podem ser retirados das mais diversas atividades cotidianas, tais como sistemas informatizados de coletas de dados, circuitos internos de televisão, *webcams*, *chips* e rastreamento de veículos via satélite. Esses dispositivos, em formas variadas, entrelaçam tempo e espaço pela duração virtualizada do ciberespaço. Configuram-se, portanto, pela lógica reticular da hipermídia: uma lógica de conexões fluidas, instáveis e plurais, que reconfigura e tensiona constantemente as referências espaço-temporais consolidadas pela lógica midiática de comunicação.

Referências

- ALZAMORA, Geane (2006). Para além do jornalismo de massa: a diversidade da informação cultural na Internet. In: PINTO, J. & SERELLE, M. (org.). *Interações midiáticas*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (2004). A semiose da informação webjornalística. In: ALZAMORA, Geane et al. (org.). *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: PucMinas.
- AUGÉ, Marc (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- ARAÚJO, Yara G. (2005). *Telepresença: interação e interfaces*. São Paulo: Educ/Fapesp.
- BASTOS, Marcus (2004). A cultura da reciclagem. In: ALZAMORA, Geane et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: PucMinas.
- BRAGA, José L. (2006). *A sociedade enfrenta sua mídia*. São Paulo: Paulus.
- CASTELLS, Manuel (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1999). *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- DELEUZE, Gilles (1990). *Que é um dispositivo?* Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html>>. Acesso em 6/2/2006.

²⁷ O programa *A Nova Al Qaeda*, da Discovery Channel, conta a história de Babar Ahmad, um homem acusado pela fiscalização dos Estados Unidos de fomentar do seu escritório, em Londres, as atividades da Al Qaeda através da internet. Disponível em: <http://www.discoverybrasil.com/terrorismo/terrorismo_intro/index.shtml>. Acesso em 13/8/2006.

- ELIAS, Norbert (1998). *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .
- FOUCAULT, Michel (1998). *De outros espaços* (Trad. de Pedro Moura). Disponível em: <http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html>. Acesso em 26/5/2007.
- HENN, Ronaldo (2005). *A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo*. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18180/1/R1464-1.pdf>>. Acesso em 15/1/2007.
- JORGE, Ana M. (2005). *A não especialização do tempo na obra de Charles Sanders Peirce*. 8.ª Jornada do Centro de Estudos Peirceanos, 28 de novembro de 2005.
- KASTRUP, Virgínia (2004). A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina.
- LATOURETTE, Bruno (1994). *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.
- LEMOS, André (2002). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- LÉVY, Pierre (1996). *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34.
- MACHADO, Irene (2006). *Gêneros e/ou formatos: design de linguagem mediada*. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Semiótica da Comunicação – XXIX Congresso Nacional da Intercom. Brasília, set. 2006.
- MORENTZSHON, Sílvia (2002). *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan.
- MUSSO, Pierre (2004). A filosofia da rede. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina.
- O'REILLY, Tim (2006). *O que é Web 2.0 - Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software*. Disponível em: <<http://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/o-que-e-web-20.pdf>>. Acesso em 26/5/2007.
- PRIMO, Alex (2003). Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*. São Leopoldo, v. 5, n. 2, pp. 125-42.
- QUEIROZ, João (2004). *A semiose segundo Charles Sanders Peirce*. São Paulo: Educ/Fapesp.
- RECUERO, Raquel (2004). Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. *Sessões do Imaginário*. Famedcos/PUCRS, edição 11.
- SANTAELLA, Lúcia (1992). *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social.
- SCOLARI, Carlos. Diários online: el tiempo del hiperlector (2004). In: ALZAMORA, Geane et al. (org.). *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: PucMinas.
- VIRILIO, Paul (1993). *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34.
- WEISSBERG, Jean-Louis (2004). Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina.
- WOLTON, Dominique (2005). *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus.

GEANE ALZAMORA é doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – Interações Midiáticas (PucMinas), no qual coordena o Grupo de Pesquisa em Comunicação e Redes Hipermidiáticas (CNPq/PucMinas). Co-organizou a coletânea *Cultura em Fluxo – Novas Mediações em Rede* (Belo Horizonte: PucMinas, 2004).

geanealzamora@uol.com.br

*Artigo recebido em 30 de junho de 2007 e
aprovado em 13 de agosto de 2007*